

referência

Arquitetura Internacional¹

Walter Gropius

Tradução: Anja Pratschke

Arquiteta, professora doutora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9295, anjaprat@sc.usp.br

Revisão e notas: José Tavares Correia de Lira

Arquiteto, professor doutor da FAU-USP, Rua do Lago, 876, CEP 05508-900, São Paulo, SP, (11) 3081-4554, zelira33@hotmail.com

A *Arquitetura internacional* é um livro de imagens* da moderna arte de construir.³ Pretende apresentar de maneira resumida um panorama da produção dos mais notáveis arquitetos modernos dos países civilizados,⁴ familiarizando-nos com o atual desenvolvimento das formas⁵ arquitetônicas.

As obras aqui reproduzidas, conforme seleção específica, carregam ao lado de suas várias particularidades individuais e nacionais traços de correspondência entre todos os países. Essa afinidade, que qualquer leigo pode constatar, é um sinal que antecipa o futuro, prenúncio de uma vontade universal de configuração⁶ de tipo fundamentalmente novo que se encontra nos representantes de todos os países civilizados do mundo.

No passado recente, a arte de construir submergiu em uma concepção sentimental e esteticamente decorativa, que tinha por meta a aplicação exterior de motivos, ornamentos e perfis, principalmente retirados a culturas passadas, que cobriam o corpo edificado sem relação necessária com seu interior. A construção⁷ foi assim reduzida a suporte de formas de adorno⁸ mortas, externas, em lugar de um organismo vivo. O vínculo indispensável com a técnica em progresso, com seus novos materiais de construção e suas novas construções⁹ perdeu-se com esse declínio, e o arquiteto, o artista, sem dominar as possibilidades soberanas da técnica, atado ao reino acadêmico de estetas, cansado e preso pelas convenções, deixou escapar a configuração¹⁰ das habitações e das cidades.

Esse desenvolvimento formalista que se espelhou nos “ismos” fugazes das últimas décadas parece ter chegado ao fim. Uma nova e substancial mentalidade construtiva desdobra-se simultaneamente em todos os países civilizados. Cresce o entendimento de que uma viva vontade de configuração – enraizada no conjunto da sociedade e da vida, abrangendo todos os campos de configuração humana para um objetivo unificador – começa e termina na construção. A consequência desse espírito transformado e aprofundado, e de seus novos meios técnicos, é uma forma construtiva transformada, que não resulta de sua própria vontade, mas que brota da essência da construção, da função que ela deve preencher.

A época passada do formalismo inverteu a sentença natural de que a essência de uma construção define sua técnica e esta, por sua vez, define sua forma. Ela esqueceu o que havia de essencial e originário a respeito dos aspectos exteriores da forma e dos meios de sua apresentação. Mas o novo espírito configurador,¹¹ que lentamente começa a se desenvolver, retorna outra vez ao fundamento das coisas: para configurar uma coisa de tal modo que funcione corretamente, um móvel, uma casa, primeiro se investiga sua essência.

A investigação da essência de uma obra construída está ligada tanto às fronteiras da mecânica, da estática, da ótica e da acústica, quanto às leis da proporção. A proporção é um assunto do mundo espiritual; o material e a construção aparecem como seus suportes; com sua ajuda, manifestam o espírito do mestre; está ligada à função da construção, expressa sua essência

1. GROPIUS, Walter. *Internationale architektur*, Mainz: Florian Kupferberg, 1981 (1925) (Neue Bauhausbücher).

2. Para o estabelecimento definitivo desta versão foi imprescindível a participação de Patrícia Schultz, em um primeiro momento, e de Raquel Imanishi, ao final do processo de tradução, a quem agradecemos a atenção.

* A fim de atender a um público leigo maior, o autor se limitou principalmente a imagens das partes externas das obras. Plantas baixas e interiores seguirão em um próximo volume (NA).

3. *Baukunst*, no original, *Art de Bâtir* no francês, faz ressoar o compromisso poderosamente social da *Bauhaus* no tributo ao momento medieval do honesto fazer. Resume não apenas uma idéia de arte como fatura e elegância técnica, mas também um conceito filosófico, a partir do final do século XIX redefinindo o conceito clássico de “sistema arquitetônico” e contraposto aos usos do revival. Interdependência da técnica com os materiais de construção, coordenação entre estrutura, forma e decoração, contribuição recíproca de cada componente da obra, possibilidade de dissecá-la em suas partes constitutivas sem sacrificar-lhe o todo, tal o sentido desta *Arte da Construção* na Alemanha da virada do século. Sobre o conceito de *Baukunst* é sugestiva sua recuperação em 1902 por Herman Muthesius, o fundador da *Deutscher Werkbund*. Na quarta edição do livro *Moderne architektur* de 1896, publicada em 1914, seu autor, o austríaco Otto Wagner justificaria mudança no título: “Nesta ocasião

publica-se sob o título *Die Baukunst unserer Zeit*. Herman Muthesius me fez perceber – por intermédio de seu engenhoso livro *Baukunst, nicht Stilarchitektur* – que meu título original era incorreto”. Na realidade, o trabalho de Muthesius chamava-se *Stilarchitektur und Baukunst*. Cf. OTTO, Wagner. *La arquitectura de nuestro tiempo*. Madrid: El Croquis Editorial, 1993. p. 25. Se o ato falho é neste caso bastante revelador, preferimos evitar a tradução habitual da expressão por arquitetura, que desde o título consta como termo em separado.

4. A opção de tradução aqui pela expressão “países civilizados” permite-nos revisitar as oposições pós-românticas Cultura/Civilização, Comunidade/Sociedade em sua apropriação modernista ou não-essencialista, isto é, sem o risco do mimetismo regionalista das formas tradicionais, mas com o investimento nas relações causais que existem entre as formas e o seu ambiente. Cf. COLQUHOUN, Alan. The concept of regionalismo. In: NALBANTOGLU, Gulsun Baydar; THAI, Wong Chong. *Postcolonial space(s)*. New York: Princeton Architectural Press, 1997. p. 13-23

5. *Architektonischen gestaltentwicklung*, no original. *Gestalt*, estatura, forma, figura, feição: Michaelis Neues Wörterbuch der Deutschen und portugiesischen Sprache. Nova York: Frederick Ungar, sd. p. 270. A palavra alemã compreende o sentido largo de forma como “estrutura (inclusive interior), organização: “Ela consiste em considerar os fenômenos não mais como uma soma de elementos que antes de tudo se trata de isolar, analisar ou dissecar, mas como conjuntos constituídos de unidades autônomas, manifestando uma solidariedade interna, e dotados de leis próprias. Segue-se que a maneira de ser de cada elemento depende da estrutura do conjunto e das leis que o regem”. LALANDE. *Vocabulaire technique et critique de la philosophie*. Paris: PUF, 1951. p. 372-373.

6. Optamos pela tradução de *gestaltung* por configuração, e não pelo inglesismo *design*, ou seu correspondente no português modernista, projeto. *Gestaltungswillens*, vontade de configuração.

7. *Bau*, no original.

8. *Schmuckformen*, no original, compõe com *motiven*, *ornamenten* e *profilen* o léxico das formas decorativas.

9. Apenas aqui Gropius utiliza o termo *konstruktionen* e não *bau*, como de praxe.

10. *Gestaltung*, no original, aqui enfatizada na larga acepção de desenho como designio, desejo, intenção, propósito.

11. *Gestaltungsgeist*, no original.

12. *Typische Grundformen*, no original.

e acima de tudo fornece-lhe a tensão, sua própria vida espiritual, para além de seu valor de utilidade.

Entre uma multiplicidade de alternativas igualmente econômicas – há inúmeras para cada tarefa construtiva – o artista criador escolhe aquela que é mais adequada à sua percepção pessoal dentro dos limites compreendidos por seu tempo. Conseqüentemente, a obra carrega a assinatura de seu criador. No entanto, é incorreto concluir daí a necessidade de acentuar o individual a todo custo. Ao contrário, a vontade de desenvolvimento de uma imagem *unitária* do mundo, que caracteriza nosso tempo, pressupõe o anseio de livrar os valores espirituais de sua limitação individual e elevá-los a uma *validade objetiva*.

Assim, a unidade das configurações exteriores que conduzem a cultura segue por si só. Na moderna arte de construir, a objetivação do pessoal e do nacional é claramente reconhecível. Uma unidade do caráter construtivo moderno, que está condicionado por uma circulação mundial e por uma técnica que é mundial, irrompe em todos os países civilizados, ultrapassando as fronteiras naturais aos quais os povos e os indivíduos continuam ligados. A arquitetura é sempre nacional, sempre também individual, mas dos três círculos concêntricos –

indivíduo, povo, humanidade – o último, maior, abrange os dois anteriores. Daí o título:

Arquitetura internacional

Ao considerar as reproduções desse livro se tornará presente que o justo dispêndio de tempo, espaço, matéria e dinheiro, na indústria e na economia, define decisivamente os fatores da fisionomia para todos os modernos organismos construtivos: a forma plástica exata, a simplicidade no múltiplo, a articulação de todas as partes da construção segundo as funções dos corpos edificados, das ruas e dos meios de transporte, a limitação a formas-tipo elementares,¹² sua seriação e repetição. Torna-se perceptível uma nova vontade de configurar as construções em nosso meio a partir de leis internas, sem mentiras nem desperdícios; de explicitar funcionalmente seu sentido e seu fim a partir delas mesmas, por intermédio da tensão entre as massas construídas; e de rejeitar tudo o que é dispensável ou que possa encobrir sua forma absoluta. Os mestres construtores desse livro respondem afirmativamente ao mundo atual das máquinas e aviões e à sua velocidade. Eles aspiram a meios de configuração cada vez mais ousados para, suspensos no efeito e no fenômeno, superarem o torpor do mundo.